

Centenário da Semana da Arte moderna - Releituras

Organizadores

Einetes Spada
José Ademir Gomes dos Santos



Ficha Catalográfica

C397 Centenário da semana da arte moderna – releituras.
Organizadores: Einetes Spada, José Ademir Gomes dos Santos. Ampére: Famper, 2022.

ISBN:978-85-93781-03-02

I. Semana da Arte Moderna II. Poesia III. Modernismo
IV. Shakespeare V. Letras/Inglês

CDD: 700

Ficha catalográfica elaborada por Elisandra Artus Berté CRB- 9/1675

Apresentação

Há cem anos, acontecia a Semana de Arte Moderna e o Brasil guarda sua relevância, seus desdobramentos e seu legado.

A Semana de Arte Moderna, evento que ao longo do século XX foi reconhecido por pesquisadores dos mais diversos campos de conhecimento como o principal acontecimento de arte da história do Brasil contemporâneo, fundando um modo associativo de produzir exposições com múltiplas linguagens, um fazer artístico dentro de novas perspectivas nas linhas das diferentes linguagens, escrita, música e artes plásticas, foi a verdadeira revolução da época.

O curso de Letras/Inglês da FAMPER – Faculdade de Ampère buscou junto a academia e público externo que se identifica com o tema, realizar releituras de obras e poemas. Através da pesquisa, exercitar a leitura, incentivar a produção escrita para valorizar a memória de tantos artistas que participaram da Semana da Arte Moderna e das gerações modernistas até o contemporâneo.

Ressaltamos que há algumas releituras da Literatura Inglesa (capítulo bilíngue) para assim confrontar os períodos, bem como somar conhecimentos.

Esta é quarta edição de Produção Literária da FAMPER – Faculdade de Ampère (Pr.). Assim oferece a oportunidade de produção, bem como da evolução, capacitação do intelecto dos referidos estudantes.

Parabéns e agradecimentos aqueles que aceitaram o desafio e se colocaram à disposição para registrar seus escritos nesta edição. Abraço a todos!

Einetes Spada, prof. Mestre – Coordenadora do Curso de Letras

Sumário

Capa

Apresentação

Releitura para a realidade - A Rua (1947)

Carolina Maria De Jesus – Literatura afro-brasileira

Erro de português

Análise para realidade da poesia Solidariedade de Murilo Mendes (1941)

Moça linda bem tratada

O Congresso Internacional do Medo

Abaporu

O que influenciou o modernismo no Brasil?

Poética (1922)

Capítulo Bilingue

Poética 1922, Manuel Bandeira

Romeu e Julieta - William Shakespeare – 1591.

Oliver Twist - Charles Dickens -1837

Frankenstein ou O Moderno Prometeu.

Ora direis ouvir poesias

O Modernismo e o Despertar da Brasilidade

Erro de português: a ótica decolonial

Releitura para a realidade - *A Rua* (1947)

Bem sei que, muitas vezes,
o único remédio
é adiar tudo. É adiar a sede, a fome, a viagem,
a dívida, o divertimento,
o pedido de emprego, ou a própria alegria.
A esperança é também uma forma
de contínuo adiamento.
Sei que é preciso prestigiar a esperança,
numa sala de espera.
Mas sei também que espera significa luta e não,
[apenas,
esperança sentada.
Não abdicação diante da vida.

A esperança
nunca é a forma burguesa, sentada e tranquila da
[espera.

Nunca é a figura de mulher
do quadro antigo.
Sentada, dando milho aos pombos.

Contexto histórico:

Cassiano Ricardo, poeta de São José dos Campos, foi um dos representantes do modernismo brasileiro de cariz nacionalista. Em *A Rua*, expressa um comentário social e político, criticando o cenário da época. O sujeito aponta a esperança como um adiamento porque ela faz com que não possamos resolver os nossos problemas. Expondo os modos de vida da burguesia, declara que os brasileiros precisam esperar lutando e não sentados, de forma passiva perante a vida. O autor fez parte também da revista *práxis* que foi uma revista revolucionária da época, revolucionando a música, a literatura, as artes plásticas.

Crítica:

A semana da Arte Moderna tem como marco o ano de 1922, foi através dela que o sistema tradicional de cultura brasileiro foi desestabilizado. Um evento de grande importância reuniu a dança, música, pinturas, esculturas e recitais de poesias. Inspirados nos vanguardistas, os artistas queriam que uma nova forma de olhar para a arte fosse alcançada e isso aconteceu através de uma estética inovadora, ou seja, trouxeram uma visão mais brasileira, bem como, rompeu, de certa forma, com a arte acadêmica. Tendo como objetivos principais a liberdade de expressão, a ausência de formalismo, influência dos vanguardistas, valorização da cultura brasileira, entre outros. Seus principais precursores foram Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Menotti Del Picchia, Di

Cavalcanti, Graça Aranha, porém, outro autor será mencionado nesse momento, o qual teve grande contribuição no modernismo.

O autor, poeta, jornalista e ensaísta, nasceu em São José dos Campos, São Paulo, em 26 de julho de 1895, e faleceu no Rio de Janeiro, em 14 de janeiro de 1974.

Em 1947, Cassiano Ricardo escreveu o poema “A Rua”, nele o autor cita a respeito da esperança, e da espera, mas não qualquer espera, precisamos esperar lutando. Foi o que aconteceu nos anos de 2020 e 2021 nos quais o mundo todo precisou adiar seus planos, esperar tudo passar, a situação melhorar e prestigiar a esperança.

A esperança em dias melhores, em uma vacina, em cientistas, em Deus. E como mencionado pelo autor, a esperança é um jeito de adiamento de todas as situações previamente planejadas. Muitas vezes familiares precisavam dessa esperança numa sala de espera no hospital, outros esperavam de casa mesmo, outros esperavam uma notícia boa e não acontecia assim, acontecia como havia de acontecer, outros, por milagres, recebiam novas oportunidades. Mas esperavam, esperavam sentados de cabeça erguida, ou de cabeça baixa, esperavam de joelhos olhando para os céus, esperavam acamados, entubados, sem controle do próprio corpo, mas esperavam, lutando, reagindo, sendo fortes, respirando. Cada mínimo de ar que entrava no corpo era uma vitória, era sinal da espera, sinal da esperança, como dito pelo autor “a esperança é uma forma de contínuo adiamento”, sim, é verdade, contínuo adiamento da vida. As pessoas que passaram pelo COVID19 sentiram isso na pele, o medo teve de todos os jeitos que se transformar em esperança e motivação para que a luta valesse a pena. Então, espere lutando, não sentado.

Diulya Arendt – Acadêmica de Letras/Inglês

Carolina Maria De Jesus – Literatura afro-brasileira

Carolina Maria De Jesus entrou no mundo das letras de forma avassaladora. Seu primeiro livro publicado em 1960, intitulado *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, foi a primeira obra de uma autora negra brasileira traduzida para outras línguas. Sua obra provocou a formalização da estética da colonialidade brasileira, deixando à amostra a outra face da sociedade, onde ficaram explícitas práticas de assujeitamento, hierarquia, violência desigualdade e racismo. Carolina mostrou o outro lado do desenvolvimento e da modernidade das grandes cidades. Sua escrita nos faz olhar para quem conta a história, e diria ainda mais, ver o olhar de quem escreve, um olhar inquieto, reflexivo e acima de tudo esperançoso. Carolina é autora, espectadora e personagem de sua obra.

Tentaram me calar e também me excluir,
Quiseram me prender, a vida me tirar;
Achavam que meu lugar era uma senzala,
Que o gosto que eu devia gostar era o gosto da vala,
Que o som que devia soar era o som das correntes,
Que ardiam minha pele como veneno de serpentes

Minha pobre pele negra, constada em uma lista,
Valia tanto para eles que me levavam a vista,
Pobre melanina, que em mim quis fazer morada,
Por essa riqueza que em meu corpo nasceu,
Acresceram aos meus passos uma pedra acorrentada

Através da miséria me negaram a educação,
Mesmo assim eu a encontrei nos montes de papelão,
Sendo assim a todos provei,
Que ainda há belas flores até mesmo no lixão

Fiz que me ouvissem, notas ressoando,
Minhas amarras rompi, por que com bravura segui cantando,
Transformei a opressão e repressão que sofri,
Em um belo jardim com flores que reguei e não colhi.

Erro de português

Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena! Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português — **Oswald de Andrade**

O poema “Erro de português”, foi publicado em de 1925, faz parte do segundo livro, chamado “*Primeiro caderno de poesia do aluno Oswald de Andrade (1927)*”.

O poema nos mostra claramente o confronto entre duas culturas (indígena/europeu), isso fica expresso a partir dos verbos “vestir” e “despir”. A oposição entre esses verbos implica diretamente na relação de poder entre povo dominante e povo dominado. Através do poema, percebemos com muita facilidade, uma visão positiva à cultura indígena, tendo uma perspectiva diferente da portuguesa, do colonizador, que afinal foi o tema do grande debate racial que marcou a época.

Percebemos que nos três primeiros, algumas palavras tem uma relação de antítese (vestiu/despiu - manhã de sol/bruta chuva). Essa figura de linguagem de movimentos opostos é o que nos faz entender os diversos aspectos do poema.

Além disso, os versos que contém essas oposições são separados pela expressão “Que pena! ”. A posição do autor diante este fato é marcado no título da obra “Erro de português”, que pode estar ligado com a quebra das regras gramaticais apresentadas no poema quando a imposição cultural do europeu no momento em que chegaram no Brasil.

Iara Cristina Spiss – Acadêmica de Letras/Inglês

Análise para realidade da poesia *Solidariedade* de Murilo Mendes (1941)

Sou ligado pela herança do espírito e do sangue
Ao mártir, ao assassino, ao anarquista.
Sou ligado
Aos casais na terra e no ar,
Ao vendeiro da esquina,
Ao padre, ao mendigo, à mulher da vida,
Ao mecânico, ao poeta, ao soldado,
Ao santo e ao demônio,
Construídos à minha imagem e semelhança.

Nessa poesia, o autor utiliza frases religiosas que passam mensagem de conexão com as pessoas. Entende-se que mesmo havendo diferenças, todas as pessoas são iguais, pois foram criadas à imagem e semelhança de um mesmo Criador. Interpretando o poema na atualidade, é possível notar algumas suplicas:

Que haja união entre as pessoas, que não sejam julgadas nem diminuídas por suas aparências, suas condições nem por seus trabalhos e títulos;

Que a humanidade enxergue além daquilo que as aparências mostram;

Que os rótulos não sejam tudo que define uma pessoa;

Que a ligação entre as pessoas supere a distancia entre as hierarquias, o poder e diferentes classes sociais;

Que exista, realmente, solidariedade entre as sociedades.

Natália Budske – Acadêmica de Letras/Inglês

Moça linda bem tratada

Moça linda bem tratada,
Três séculos de família,
Burra como uma porta:
Um amor.

Grã-fino do despudor,
Esporte, ignorância e sexo,
Burro como uma porta:
Um coiô.

Mulher gordaça, filó,
De ouro por todos os poros
Burra como uma porta:
Paciência...

Plutocrata sem consciência,
Nada porta, terremoto
Que a porta de pobre arromba:
Uma bomba.

O poema *Moça linda bem tratada* escrito por Mario de Andrade em 1922 é considerado uma das primeiras composições modernistas.

O poema vem retratando com humor e ironia a época em que o autor estava vivendo e tratando a mulher como a sociedade em um todo ele a criticou, apesar de toda sua riqueza e acessibilidade ao mundo da alta sociedade essas pessoas a que se refere o poema eram ignorantes e de pouca inteligência, podemos dizer que eram superficiais.

Olhando de uma outra perspectiva ousou dizer que o machismo muito impregnado na época tem influencia sobre o poema acima citado, o autor usa de uma moça bem-criada, com boas maneiras de boa família e muitas posses e usa dela como uma ignorante por aparentar não possuir conhecimentos e nem interesses próprios, como alguém manipulado que segue com cegueira o que lhe é dito.

A crítica de Andrade é perante a sociedade de seu tempo, a minha é em questão ao feminismo, será que ainda hoje descreveríamos a sociedade como uma mulher rica e burra?

Cem anos se passaram e ainda usamos a mulher como objeto de comparação com a falta de respeito e empatia, dizemos que o mundo está mudado de uma forma ruim e culpamos as mulheres, pois hoje, “elas não se valorizam mais”, ao invés de esperar o seu príncipe encantado que irá lhe sustentar e lhe dar muitos filhos e fazer com que sejam mães donas de casa, as rebeldes mulheres, tem vontades próprias, desejos, sonhos, e não esperam mais por homens, se isso quer dizer falta de valor, me desculpem! Os homens nunca se valorizaram...

Então eu pergunto, nós mulheres não nós valorizamos? Dar-se-á o devido valor, deveria ser satisfazer os desejos masculinos? Eu te respondo, somos mais que objetos,

sentimos tudo tanto quanto os homens, somos mulheres sim, mas antes somos humanos e isto é o que nos torna semelhantes e merecedores dos mesmos direitos.

Como esperavam que as mulheres não fossem ignorantes se não os davam vez e nem voz, se eram proibidas de acessar todo e qualquer conhecimento? Isso tudo se assolou por anos e anos, reflexo de uma vida contraindo valores de como as mulheres devem se vestir, comportar, falar e agir. Com o tempo deixamos de ser submissas e aprendemos tanto, que hoje somos capazes de dominar o mundo. A sociedade burra, não é culpa de nenhuma jovem de 1922 que não teve acesso aos seus direitos de sentir, falar e agir de acordo com seus gostos.

Dedico está reflexão a toda mulher que sonha e principalmente aquelas que realizam, a dona de casa agora é médica, advogada, bombeira, professora, motorista e tudo mais que possamos imaginar. O meu muito obrigada a todas as MUSAS, MONAS, MULHERES! Que lutaram por tudo o que conquistamos até hoje.

Luana Giusti – Acadêmica de Letras/Inglês

O Congresso Internacional do Medo

O Congresso Internacional do Medo foi publicado no livro *Sentimento do Mundo*, em 1940, que reúne 28 poemas de Carlos Drummond de Andrade. Escrito com um realismo fantástico e concreto da situação sócio-histórica do poeta: Segunda grande guerra, Estado novo no Brasil, ditadura varguista, fascismo e nazismo na Europa, os integralistas de uniforme verde por aqui pela pátria, por deus e pela família (o discurso já tem um tempo e se reatualiza). Certamente também a escrita envolveu confusões e angústias existenciais (não desligadas da realidade histórica) que cada ser humano passa em seu interior de forma diferente, mas sempre condicionada pelo tempo e espaço em que vive. As questões do sujeito com o que existe na materialidade da vida e se movimenta ao seu redor: esse é o fantástico de Drummond. *A minha alucinação é suportar o dia a dia*, cantaria Belchior de uma forma tão fantástica como ele.

O medo. O medo. O medo invade corações e corpos. *Esteriliza os abraços*. Elimina o amor e o ódio. Paralisa: mãos, bocas, pensamentos. Tamanha angústia que nos causa. A consequência é a desunião e o isolamento no quarto pequeno fechado, na cabeça pequena fechada, no canto escuro da sala. Só existe o medo: pai e companheiro. Em tudo, na atmosfera do tempo. Vivemos em estado de alerta. Tiros, fogo, canhões, miséria. Temem a sombra, os que amam e a si mesmo. Temem a sua ingenuidade e a sua burrice. O desespero da realidade. Da concretude da vida. Das paredes cinzas. Dos homens. Cruéis homens. Com porte de armas, em posse de armas. Nos campos de concentração matando outros homens. Queimando vivos. Forçando ao trabalho que liberta (ou não?). Promovendo a fome com líderes ovacionados. A banalidade do mal, como escreveu Hannah Arendt. *E, daí?* Diria o presidente de um dos maiores países do mundo chamado Brasil. Hoje aqui 33 milhões passam fome, conforme levantamento da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. Medo da vida e medo da liberdade. Da diversidade, do outro, do diferente.

Drummond faz parte da segunda geração do modernismo brasileiro. Movimento que deixa de lado limitações formais ou temáticas para assentar no cotidiano. Colocar os pés no chão da vida. A segunda geração daqueles que na década de 1920 e 1930 modificam a forma da escrita da literatura brasileira, das artes, da poesia, ao mesmo tempo em que mantém e solidificam a estrutura social dos senhores do território. Dos senhores do café. Mudança e permanência para construir uma imagem da brasilidade. Quanta contradição. Como nossas vidas. Como nosso mundo. Como este país. Outras roupas, mesmo corpo. Ainda em 2022, depois de uns leves ensaios de emancipação. O medo. Que a arte liberte. Que a poesia destrua. Que o Brasil coloque fogo no medo. Mas hoje ainda não, por isso,

não inventamos moda e nem acreditamos em frases motivacionais. É preciso dar nome aos bois: finalizamos ainda com medo nesta tragédia do momento presente - de Drummond - e o nosso. Não cantaremos o amor, mas só provisoriamente!

Eleandro Vieira, Mestre em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)



Tarsila do Amaral – 1928

Pedro Dalla Libera da Silva – 2022 – CEM

Abaporu

A arte moderna completa 100 anos movimento este que diversos artistas, escritores, contestaram sobre a arte que estava sendo importada, desrespeitando a brasilidade.

A obra Abaporu (homem antropófago) é um clássico da artista brasileira, Tarsila do Amaral.

A obra abaporu foi dada como um presente, para Oswald de Andrade, o qual o batizou de Abaporu que são a soma do significado das palavras em tupi, Aba (homem) Pora (Gente) ú (comer), sendo assim, “o homem que come gente”.

As cores verde, amarela, azul desta obra representam o Brasil.

O estilo de gigantismo, tem dois significados, os pés e mãos grandes, representam, o trabalho físico, braçal, e a cabeça pequena a falta de pensamento crítico.

Já na releitura desta obra, destaco as tecnologias que invadiram os espaços escolares em tempos de pandemia causada pelo covid-19, enquanto alunos às vezes ficamos com a cabeça pequena usando somente tecnologias digitais, para os estudos, e nessecita uma análise mais crítica em relação ao uso das tecnologias na educação

Entramos na indústria 4.0 e a tecnologia está sendo consumida desenfreadamente, como as escolas públicas e privadas trabalharão com as tecnologias?

Destaco também que as obras de arte é uma análise crítica da sociedade, assim Abaporu foi redesenhado de acordo com os dias atuais do cotidiano da escola.

Pedro Dalla Libera da Silva e Prof. Lucilia Gouveia, Sala de Recursos Multifuncional - CEM

O que influenciou o modernismo no Brasil?

Pode-se elencar alguns autores europeus que tiveram grande influência no modernismo brasileiro. A tendência que rompeu com a tradição e a postura literária que existia até então e foi considerado o movimento divisor de águas, surgiu em um momento de insatisfação política seguindo tendência das vanguardas europeias. Além de romper com a tradição, as escritas modernistas valorizavam o cotidiano e buscavam reconstruir a identidade, em vez de seguir ou copiar, procuravam inovar em suas produções explorando e acessando novos conhecimentos e técnicas.

Os principais poetas influenciadores europeus foram: William Yeats (1865-1939) escrevia sobre temas irlandeses, mistérios da imaginação, mitologia e magia. T. S. Eliot (1888-1965) utilizava colagem de imagens e vozes desde a gíria proletariado até a burguesa, seus poemas tratavam com brilho a desolação a impossibilidade da vida urbana; - Prêmio Nobel em 1948, com o poema: *A terra desolada* que foi um marco do modernismo europeu. Ezra Pound (1885-1972). Mudou o percurso junto com seus escritores, patrocinando o curso da literatura mundial; - Publicou obras de Joyce, Hemingway e Eliot. Na prosa o destaque é Virginia Woolf (1882-1941) em 1904 ela mudou-se para Bloomsbury e passou a fazer parte de um grupo literário, estes rejeitavam totalmente a moralidade tradicional e as convenções artísticas da época.

Virginia é considerada a principal romancista do período modernista, também denominada feminista já que em seus escritos tratava sobre os direitos das mulheres à escrita. Suas principais obras são: *Mrs. Dalloway* (1925) que descreve um dia na vida de Clarissa Dalloway em um pequeno bairro de Londres durante a guerra. Todo o enredo se passa em apenas um dia. Outra de suas principais obras é um *teto todo seu* (1929) que relata as experiências da escritora em suas palestras sobre a escrita feminina pelas universidades da Inglaterra.

E finalmente, James Joyce (1882-1940) que com sua obra *Ulysses* publicada pela primeira vez em dezembro de 1922 deu ao escritor fama internacional. A realidade retratada na obra, é um exemplo das dificuldades das obras modernista, os experimentos com a linguagem, o trato com o tempo, e vários eventos acontecendo ao mesmo tempo são algumas das características desse tempo. Todas estas obras logo que chegaram ao solo brasileiro germinaram nos escritos da semana de 1922 e anos seguintes.

Prof. Mestranda Rosiane Franke

Poética (1922) de Manuel Bandeira

Estou farto do lirismo comedido

Do lirismo bem comportado

Do lirismo funcionário público com livro de ponto espediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo.

Abaixo os puristas.

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais

Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção

Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador

Político

Raquítico

Sifilítico

De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo

Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar & agraves mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos

O lirismo dos bêbados

O lirismo difícil e pungente dos bêbados

O lirismo dos clowns de Shakespeare.

- Não quero saber do lirismo que não é libertação.

Capítulo Bilíngue

Poética 1922, Manuel Bandeira

É possível afirmar que o poema de Manuel Bandeira intitulado poética faz uma crítica a forma de se produzir poemas, mas também tem muito mais críticas nas entrelinhas as formas de ver as pessoas, de como a sociedade tinha certa rigidez tanto do social, como nas produções, algo que não era meramente engessado. “Poética”, de Manuel Bandeira, é quase um manifesto do movimento modernista brasileiro de 1922. No poema, o autor elabora críticas e propostas sobre o pensamento estético predominante na época.

Podemos fazer uso de suas belas palavras para os dias atuais, quando ele cita “estou farto do lirismo namorador, político, raquítico, sifilítico de todo o lirismo que capitula ao querer que seja fora de si mesmo”. E trazer para os dias de hoje, estamos farto das pessoas mesquinhas, que aproveitam de leis, que elas mesmas criam, das pessoas sifilíticas, que são algo contagioso igual o poder, faz se achar seres superiores, entende-se que não faz crítica somente a forma estética de escrever, mas de uma sociedade capitalista adoecida que não luta pelos ideais da sua nação, que fica entorno de poucos e desses poucos que se mantém no poder.

Sandra Diesel – Acadêmica de Letras/Inglês

It is stated that Manuel Bandeira's poem entitled poetics criticizes the way of producing poems, but also has much more critical ways between the lines of seeing people, as society had a certain resistance both from the social and from, something that was not merely plastered. “Poética”, by Manuel Bandeira, is almost a manifesto of the Brazilian modernist movement of 1922. In the poem, the author elaborates criticisms and proposals on the prevailing aesthetic thinking at the time.

Making use of his beautiful words for the present day, we can be far from lyricism, political, rickety, sifi from all lyricism that capitulates to what is outside of itself. " And to bring it to the present day, we are far from petty people, who take advantage of laws, which they are also created, from syphis people, which is something contagious just like power, makes you think superior beings, it is understood that it does not criticize only the aesthetic way of writing, but an adopted capitalist society that does not fight for the ideals of its nation, which is surrounded by the few, and the few who remain in power.

Romeu e Julieta - Willian Shakespeare – 1591.

Escrita e universalizada por Willian Shakespeare, entre 1591 e 1595, a tragédia *Romeu e Julieta* é a estória de amor mais conhecida no mundo inteiro. Dois jovens de famílias rivais que viviam na Verona renascentista após se conhecerem em uma festa apaixonaram-se e resolvem se casar partindo contra todos os princípios de suas famílias. Porém, depois de casados, acontece uma briga entre o primo de Julieta Tebaldo, e o amigo de Romeu Mercúrio. Por tirar a vida de Tebaldo, Romeu é exilado da cidade pelo príncipe e precisa se afastar de sua esposa.

Julieta recorre ao Frei Lourenço quando seu pai decide casá-la com outro pretendente, Páris. O sacerdote aconselha que ela aceite o pedido de casamento, mas que na noite anterior ao grande dia, tome uma poção para que pareça morta. Infelizmente por um infortúnio o plano não chega até Romeu e ele recebe a notícia que sua amada morreu, ao chegar à sepultura desolado, ingere um líquido venenoso. Quando Julieta desperta de sua morte fictícia e percebe a morte de Romeu, com o punhal de seu amado, tira sua vida.

Além de expor o amor proibido, a obra faz algumas críticas sobre o período hipócrita e conturbado do século XVI, cujo prestígio pelo poder e interesses econômicos eram mais importantes e ceifaram a vida dos jovens. Após o acontecido, as famílias colocam fim nas diferenças.

Romeo and Juliet - William Shakespeare - 1591.

Written and universalized by William Shakespeare, between 1591 and 1595, the tragedy *Romeo and Juliet* is the best-known love story in the world. Two young people of rival families lived in Renaissance Verona, after meeting at a party, fell in love and decided to get married, breaking all the principles of their families. However, after they were married, a fight broke out between Julieta Tebaldo's cousin and Romeu Mercúrio's friend. For taking Tebaldo's life, Romeo is exiled from the city by the prince and needs to get away from his wife.

Julieta turns to Friar Lawrence when her father decides to marry her to another pretender, Paris. The priest advises her to accept the marriage proposal, but that the night before the big day, take a potion to make her look dead. Unfortunately, by a misfortune, the plan doesn't reach Romeo and he receives the news that his beloved has died, upon reaching the desolate grave, he ingests a poisonous liquid. When Juliet awakens from her fictional death and realizes Romeo's death, with her lover's dagger, takes her life.

In addition to exposing forbidden love, the work makes some criticisms of the hypocritical and troubled period of the 16th century, whose prestige for power and economic interests were more important and took the lives of young people. After what happened, the families put an end to differences.

Diulya Arendt – Acadêmica de Letras/Inglês

Oliver Twist - Charles Dickens -1837

A obra Oliver Twist aborda questões que são necessárias para entender a sociedade londrina em plena revolução industrial. Uma época de grande mudança social em que camponeses foram instigados a deixar o campo e mudar para a cidade, a promessa era de trabalho e progresso, contudo o despreparo e as condições precárias e a pesada jornada de trabalho fizeram com que a fome e a miséria se desenvolvessem rapidamente. Crianças órfãs também eram obrigadas a trabalhar nas fabricas. Charles Dinckens foi astuto em elaborar uma crítica que ficara nas entre linhas do seu romance. Foi um tempo de desenvolvimento de uma sociedade que se estabeleceu capitalista, os de poderio econômico deram um passo à frente dos demais, muito se pensava em revolução, no entanto pouco se via as condições precárias que os operários eram sujeitados.

Um ponto fundamental da obra escrita de Dickens é a acentuação da essência humana, pois o menino Oliver mesmo estando ao lado de malfeitores em nenhum momento se prestou a copiar o modelo dos mesmos, Oliver mesmo exposto as diversas violências termina a história sem se corromper.

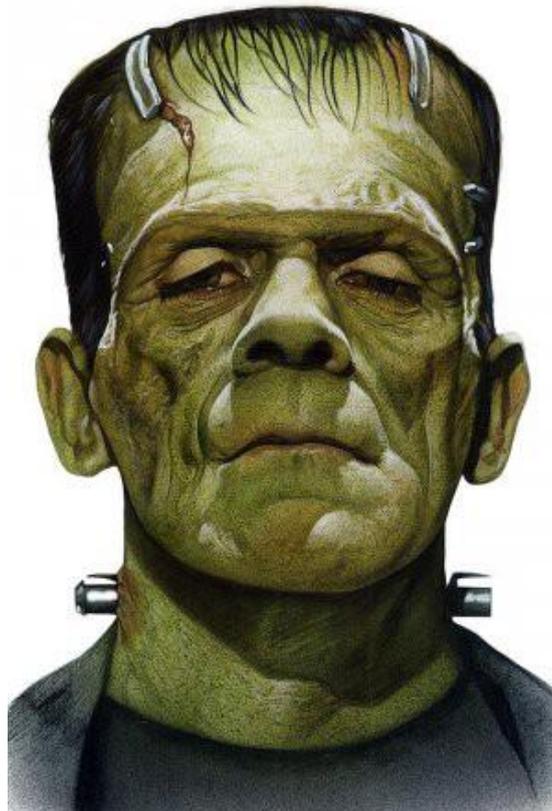
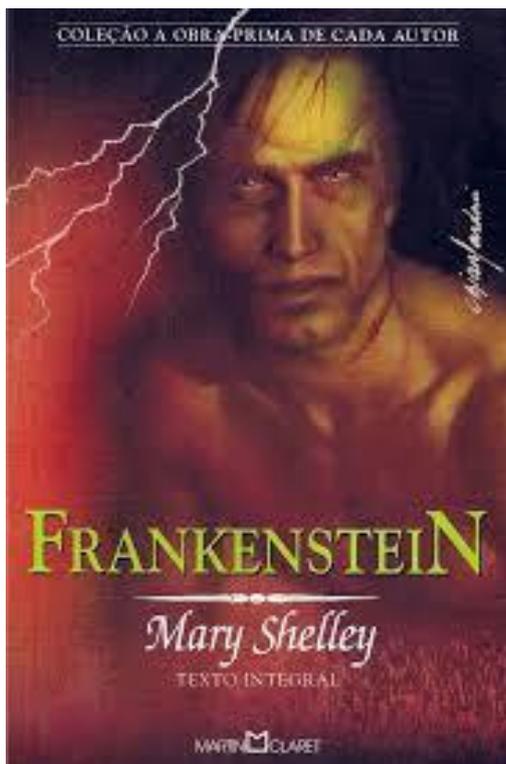
Eduardo Rizzatti – Acadêmico de Letras/Inglês

Oliver Twist - Charles Dickens -1837

Oliver Twist addresses issues that are necessary to understand London's society in the middle of the industrial revolution. A time of great social change in which peasants were convinced to leave the countryside and move to the city, the promise was of work and progress, however, the unpreparedness and precarious conditions and the heavy workday made hunger and misery develop rapidly. Orphaned children were also forced to work in the factories. Charles Dinckens was astute in elaborating a criticism that had remained between the lines of his novel. It was a time of development of a society that was established capitalist, those with economic power took a step ahead of the others, much was thought of revolution, however little was seen of the precarious conditions that the workers were subjected to.

A key point of the work written by Dickens is the intensification of the human essence, because the boy Oliver even being next to evil at no time copied the model of them, Oliver even exposed to the various violence ends the story without being corrupted.

Eduardo Rizzatti – Acadêmico de Letras/Inglês



Fonte: <https://livralivro.com.br/livro>

Título: Frankenstein ou O Moderno Prometeu.

Autora: Mary Shelley.

Ano: 1818.

A obra recebe o título de Frankenstein ou O Moderno Prometeu. Criada pela autora Mary Shelley aos seus 18 anos, fruto de ótima inspiração. Esta obra acontece na Suíça, e conta a história de um monstro, que foi criado em laboratório, através da junção de partes do corpo humano, retiradas de diferentes cadáveres. Essa criação peculiar foi obra do jovem doutor Victor Frankenstein, que depois acaba rejeitando e abandonando o monstro. Este, por sua vez, cria uma personalidade e comportamento próprio, vivendo longe do doutor, aprendendo a “se virar”.

No decorrer da estória acontece um crime, e vários pensamentos vêm a tona, tanto da parte do personagem quanto da parte de quem está lendo. A trama é narrada através das cartas que um capitão (navegante) troca com sua irmã que vive em terra firme. O capitão, em uma de suas viagens, encontra Victor e passa a narrar nas cartas, todos os acontecimentos da estória. Esta obra é importante, pois, nos leva a refletir sobre algumas questões cotidianas: Qual é o propósito de nossa existência? Por que estamos aqui neste mundo? O que podemos fazer por aqui? Também abre espaço para reflexão sobre uma possível relação entre a vida e a morte: de certa forma, existiu vida após a morte quando os membros de cadáveres foram juntados e reanimados no corpo para formar o monstro.

O livro continha ideias avançadas demais para aquela época e, por esse motivo, as pessoas não o receberam tão bem assim. Um exemplo foi a criação de um corpo, sem nenhuma intervenção divina, o que parecia um absurdo para alguns.

Por Natalia Budske.

English version:

The work is given the title Frankenstein or The Modern Prometheus. Created by the author Mary Shelley at the age of 18, it was result of great inspiration. This work takes place in Switzerland, and tells the story of a monster that was created in a laboratory by joining human body parts taken from different dead bodies. This peculiar creation was the work of the young doctor Victor Frankenstein, who later ends up rejecting and abandoning the monster.

The monster creates its own personality and behavior, living away from the doctor, learning to get by himself. During the course of the story, a crime takes place, and several thoughts come to the surface, both on the part of the character and on the part of the reader. The plot is told through letters that a captain (a sailor) communicates by sending letters to his sister who lives on dry land. The captain, on one of his voyages, meets Victor and begins to narrate in the letters all the events of the story. This work is important because it leads us to reflect on some life questions: What is the purpose of our existence? Why are we here in this world? What can we do here? It also makes room for reflection about a possible relationship between life and death: in a way, there was life after death when the parts of dead bodies were put together and reanimated in the body to form the monster.

The book contained ideas that were too advanced for that time, and for this reason people did not receive it that well. One example was that the creation of a body without any divine intervention, which seemed absurd to some people.

By Natalia Budske.

Ora direis ouvir poesias

Então tu ouves vozes nos livros! Obviamente!

Perdeste o juízo! Eu te digo:

Para ouvi-las, muitas vezes acordo cedo

E como os olhos nas letras miúdas das páginas e elas falam comigo....

Dialogamos todas as noites

Enquanto o luar acaricia o horizonte

E ao raiar do sol, brilhante e morno

Ainda escuro murmúrios nas entrelinhas

Me questionam: Amiga maluca!

Que conversas com elas? Que te contam?

O que dizem quando estão falando?

Eu digo: Ame os livros para entendê-las!

Pois só que ama letras e poesias, pode ter ouvidos

Capazes de ouvir vozes e dialogar com elas.

Marilce Mari: Prof. Mestre da FAMPER

O MODERNISMO E O DESPERTAR DA BRASILIDADE

No Brasil, o século XX esteve atrelado a muitos acontecimentos que contribuíram para o nascimento de uma nova imagem do país. A República Velha teve início no Brasil no ano de 1889, com a Proclamação da República, e se estendeu até 1930. O poder político deste período estava concentrado em sua maioria, nas mãos de famílias poderosas de cada estado brasileiro, ou seja, as oligarquias estaduais, sendo as dos estados de São Paulo e Minas Gerais, as que ganharam destaque, formando a famosa aliança, que ficou conhecida como política do “café com leite”.

O processo de urbanização e industrialização brasileira no período da República Velha, esteve totalmente atrelado ao processo imigratório que “[...] contribuiu para fazer o Brasil crescer e alterar sua estrutura social: a espantosa massa de imigrantes que em apenas oito anos chega a quase 1 milhão de novos habitantes (PROENÇA, 1997, p. 228).

O grupo que formava a elite brasileira durante a República Velha, tinha credibilidade na superioridade europeia, e por isso investiram no “branqueamento” da população através da miscigenação. Para defender esse processo, o médico João Baptista Lacerda, conhecido por ser simpatizante da ideia do branqueamento, representou o Brasil no Congresso Universal das Raças, no ano de 1911, onde ele defendeu:

[...] a ideia de que o Brasil já estava a caminho de resolver a sua “questão racial”. A imigração e a “seleção sexual” (a preferência por casamento com brancos) deveriam dissolver a “raça negra” num período de 100 anos e, desta forma, transformar o Brasil num dos “principais centros do mundo civilizado. (HOFBAUER, s/d, p.5)

Em meio a esse contexto histórico, social e político nasce o Modernismo Brasileiro, um movimento que anseia pelo novo, pela modernização da cultura, rompe o culto ao passado e procura compreender e repensar a nacionalidade e a valorização da identidade brasileira.

Desta forma, os modernistas ansiavam por respostas para as tantas perguntas que surgiam: “Quem somos nós?”, “O que significa ser brasileiro?”, repensar todas as intervenções culturais sofridas do exterior e principalmente, dar valor a cultura popular brasileira.

O Movimento Modernista brasileiro despertou nos artistas “[...] uma tal liberdade criadora [...]” (PROENÇA, 1997, p. 230) que alcançou seu ponto mais alto com a Semana de Arte Moderna de São Paulo, entre 13 e 17 de fevereiro de 1922, onde coube aos precursores deste grandioso evento, desenvolver “[...] uma arte brasileira livre das limitações que o academicismo impunha. [...]” (PROENÇA, 1997, p. 233).

Os organizadores da Semana de Arte Moderna eram artistas e intelectuais que haviam passado algum tempo fora do Brasil, “[...] que tiveram contato com os artistas europeus do início século XX, dos quais receberam a influência [...] De retorno ao Brasil, os jovens desejaram quebrar o formalismo que imperava na produção artística nacional e experimentar as novas ideias europeias” (SILVA, 2015, p.55). A Semana de 1922, contou com declamações de poemas, mostras de arte, apresentações de músicas, danças e palestras a respeito das ideias modernistas.

Dentre tantas obras importantes do Modernismo Brasileiro, chamo a atenção para a tela da pintora Tarsila do Amaral, Abaporu, “cujo nome, segundo a artista, é de origem indígena e significa ‘antropófago’”. (PROENÇA, 1997, p. 236)

[...] eu quis dar um nome selvagem ao quadro, porque eu tinha um dicionário do Montoia, um padre jesuíta. Para dizer homem, por exemplo, na língua dos índios, era Aba. Eu queria dizer homem antropófago. Folhiei o dicionário todo e não encontrei. Só nas últimas páginas tinha uma porção de nomes, e vi Poru e quando eu li dizia: “Homem que come carne humana”. Então achei. Ah, como vai ficar bem, Aba-Puru! [...] (AMARAL, 2004, p. 128 apud SANTOS JR, BRITO, 2011, p.65).

O quadro do Abaporu foi um presente para o escritor e também seu esposo, Oswald de Andrade, pois Tarsila “[...] queria dar um presente a Oswald que o tocasse e mexesse com sua sensibilidade. [...]” (AMARAL, 2004, p.128 apud SANTOS JR, BRITO, 2011, p.65).

Oswald de Andrade ficou perplexo ao contemplar a pintura, da qual ele “dizia ter alguma coisa excepcionalmente diferente naquele quadro [...]” (SANTOS JR, BRITO, 2011, p.65). Partindo da análise desta obra, Oswald criou a teoria da antropofagia, resultando no Manifesto Antropofágico, no qual o escritor afirma de que “a ideia de antropofagia, de canibalismo, significava [...] que os brasileiros deveriam “engolir” a cultura europeia (que era a cultura dominante da época), e transformá-la em algo genuinamente nacional, valorizando os elementos e a cultura brasileira. (SANTOS JR, BRITO, 2011, p.66)

Segundo a teoria antropofágica “[...] para ser artista moderno no Brasil, não bastava seguir as tendências europeias, era preciso criar algo enraizado na cultura do país”. (PROENÇA, 1997, p. 236)

“A obra transformou-se em ícone [...]” (Silva, 2015, p.56) justamente, pois a artista Tarsila do Amaral, realizou na tela Abaporu “A figura do gigante disforme, cercado pela natureza e pelas cores tropicais, [...]” (Silva, 2015, p.57) como propunha a teoria antropofágica, refletir a originalidade brasileira, através das cores, a paisagem retratada e os temas nacionais mesclados as influências dos movimentos artísticos europeus. “[...] A pintura de Tarsila era o emblema plástico dessa nova visão do moderno. [...]” (Silva, 2015, p.58)

Em suma, partindo de uma breve análise da Semana de 1922 e da obra Abaporu, de Tarsila do Amaral, percebe-se na atualidade, a necessidade de retomar o conceito de nacionalidade, pois “[...] ainda representa algo a ser construído. [...]” (Silva, 2015, p.5) Em

virtude de que é através dela, que uma pessoa cria vínculos com a sua nação e também passa a possuir direitos e deveres. Desta maneira, a nacionalidade é de extrema importância para construção de um futuro cidadão pertencente ao seu país. Enfim, a tela do Abaporu, de Tarsila ainda produz muitas reflexões acerca da realidade brasileira e ativa em seu público o que representa a palavra “brasilidade”.

REFERÊNCIAS

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. 10ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

HOFBAUER, Andreas. **Branqueamento e democracia racial: sobre as entranhas do racismo no Brasil**. 2011. Disponível em: <https://andreashofbauer.files.wordpress.com/2011/08/branqueamento-e-democracia-racial_finalc3adssima_2011.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2022.

SILVA, Delmo Souza. **TARSILA DO AMARAL: ENSAIO SOBRE “BRASILIDADE”**. EXTRAPRENSA (USP), nº 16, p. 54-60, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/epx16-a07/100468>>. Acesso em 12 jul. 2022.

SANTOS JR, Moisés Gonçalves dos. BRITO, Luciana. **O moderno canibal: Oswald /Tarsila e a metáfora antropofágica na literatura nacional**. Revista Iluminart, Sertãozinho, SP, p. 60-69, 2011. Disponível em: <<http://revistailuminart.ti.srt.ifsp.edu.br/revistailuminart/index.php/iluminart/article/view/120/180>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

Professora (SEED) Débora Dalazém

Erro de português: a ótica decolonial

Júlia Eduarda Dagostin

Thais Naiara Prestes

Débora Cristina Dal Molin

Oswald de Andrade, um dos precursores do Movimento Modernista no Brasil e teorizador do Movimento Antropofágico, apresentou inovações tanto no que se refere à estrutura e semântica de seus textos quanto a temáticas. O manifesto escrito em 1928 propunha a “devoração” da cultura branca que dominou e colonizou o Brasil, num sentido próprio de reavivamento da imagem do indígena e da América antes que as caravelas aqui atracassem. Essa visão positiva quanto à cultura dominada sugere o que hoje denomina-se nas ciências humanas e sociais de colonialidade, conforme analisado no texto a seguir.

Erro de português

Quando o português chegou

Debaixo duma bruta chuva

Vestiu o índio

Que pena!

Fosse uma manhã de sol

O índio tinha despido

O português.

(ANDRADE, 1971)

O poema escrito em 1925, período de grande efervescência intelectual e artística no país, denota em sua análise uma latente denúncia, ao se referir à conquista/invasão/posse do território que hoje se denomina Brasil pelos exploradores portugueses.

O confronto entre duas culturas distintas, a indígena (o índio) e a branca (o português), expressas no texto pelos antônimos “vestir” e “despir”, se refere no sentido literal ao vestuário e revela a imagem símbolo das duas figuras apresentadas: o índio nu, o português com vestuário pesado e quente, impróprio ao clima tropical.

Variando as possibilidades de interpretação desses dois termos, à noção de cultura, é possível transportar o significado literal à noção de conhecimento, ou seja: o índio estaria nu não só no corpo, mas na mente, faltando-lhe cultura, ciência e civilização, enquanto o português, encoberto de tudo o que ao primeiro faltava.

Aqui se mostra o ideal dominador camuflado na ideia de progresso: o homem branco, coberto no corpo, alma e espírito, “veste” o indígena, encobrindo-o com sua visão de mundo.

A expressão seguinte revela um lamento com toque de ironia: “Que pena!”. Descreve desse modo como um fato negativo o ocorrido na primeira parte do poema e associa-o ao “Erro” expresso no título da obra, que, com sentido ambíguo, não se refere a um erro de português quanto a um desvio gramatical, mas ao engano ou ignorância de alguém que vem de Portugal, um português (SILVA, 2017).

Assim teria sido um “erro” “vestir” o indígena. O autor revela, nesse ponto, seu posicionamento quanto ao processo de construção do Brasil e postura colonial exercida pelos portugueses desde o século XVI.

A chegada dos europeus ao território americano é um dos temas mais lembrados quanto a disciplina escolar de História, e está presente no imaginário popular por meio de música, filmes e meios informais - como resultado de um processo de escolarização em História em que predomina uma ótica tradicional, contada pelos vencedores e marcada pela colonialidade.

Quanto a essa ótica, contribuem Maldonado e Torres

Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente” (2007, p. 131 *in* NUNES, 2017).

No caso da História do Brasil, em especial do século XVI e XVII, a História foi escrita em Português, não em Tupi, a partir de documentos produzidos pelos europeus, de modo que esse momento peculiar e popular da História, segundo Quijano,

Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular daquele padrão de poder, e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões, materiais e subjetivas, da existência cotidiana e da escala social. (2009, p. 73)

A isso, se chama colonialidade. Esse termo traz consigo a “tal” da modernidade, o qual é eurocêntrico, tentando levar essa modernidade, impondo, a civilização europeia para os considerados bárbaros. Levam a ideia que o moderno irá libertar da ignorância, tentando “emancipar” o bárbaro por não saber os costumes europeus. Dentre eles, os indígenas colonizados tiveram que tentar se esculpir no padrão da modernidade, trazidas por estranhos que invadiram suas terras, acabaram com seus lares e destruíram sua cultura.

Em contraposto, o conceito de decolonialidade emerge da proposta de um grupo de pesquisadores de resistir às perspectivas impostas aos povos colonizados ou subalternizados, constituindo-se em uma crítica à modernidade e igualmente à lógica do capital. Muda o eixo de referência do conquistador para o objeto conquistado, assim

O pensamento decolonial objetiva problematizar a manutenção das condições colonizadas da epistemologia, buscando a emancipação absoluta de todos os tipos de opressão e dominação, ao articular interdisciplinarmente cultura, política e economia de maneira a construir um campo totalmente inovador de pensamento que privilegie os elementos epistêmicos locais em detrimento dos legados impostos pela situação colonial. (REIS; ANDRADE, 2018)

É uma luta contra a forçosa colonialidade imposta. Uma forma de denunciar. Vem com intuito de interromper com o pensamento do pós colonialismo, exaltando a importância de todos os costumes e culturas, essa resistência não é tão recente quanto imagina-se, surgiu no século XVI, e desde então luta e resiste contra os padrões de poder.

Ou seja, a crítica da modernidade, não se resume ao eurocentrismo. É preciso que todos sejam reconhecidos, que os indígenas comecem a relatar sobre suas experiências de “modernidade”, sobre o que realmente foi a colonização, sobre o que ela os privou. Afinal a crítica é sobre o colonialismo que nunca deu voz para as minorias.

Entendendo que,

É a partir dos valores introjetados pelo colonizador nas mentes dos sujeitos subalternizados que os valores colonizados passam a ser estruturados, numa lógica de inferioridades racial, econômica, bélica, linguística e cultural que impõe aos indivíduos colonizados um paradigma de valores fundamentados, notadamente, nos valores dominantes articulados pelo aparato cultural do colonizador. Grosso modo, é o “colono que fez e continua a fazer o colonizado” (FANON, 1968, p.26 *In* REIS; ANDRADE, 2018)

Faz-se necessária uma nova postura diante da produção e da disseminação da História, que ocorre de maneira mais significativa na educação básica. O objetivo, deve se manter em não oprimir os povos e suas respectivas culturas, buscando através de uma pedagogia decolonial e antirracista, romper com a lógica da narrativa tradicional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Oswald. Obras Completas – 7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1971.

NUNES, Rodolfo Santos. **Decolonizando o Ensino de História Indígena em uma oficina pedagógica para estudantes do Ensino Médio**. Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18892/1/2017_RodolfoSantosNunes.pdf Acesso em 14/07/2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria de Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina. SA, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070/21945> Acesso em 14/07/2022.

REIS, Maurício de Novais; ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz de. **O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas**. Revista Espaço Acadêmico, nº 202, 2018. p. 1-11. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070/21945> Acesso em 06/07/2022.

SILVA, Herlon Xavier. Erro de português: em verso e reverso. In: SILVA, Jacicarla S.; BRANDINI, Laura T. (Orgs.) **Anais eletrônicos do X Colóquio de Estudos Literários: Diálogos e Perspectivas**. Londrina, 2017. p.195-202. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/estudosliterarios/pages/arquivos/Herlon%20Xavier%20Silva_195a202.pdf Acesso em 06/07/2022.